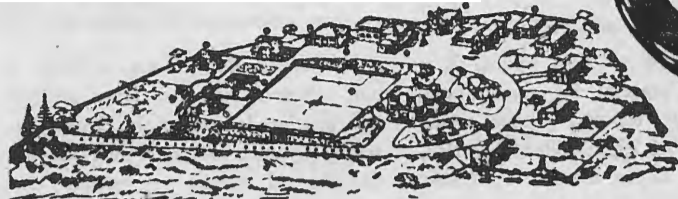




# O Gaiato

17 DE FEVEREIRO DE 1973  
ANO XXIX — N.º 755 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



## Aqui Lisboa

O número de pedidos de admissão nesta Casa do Gaiato no ano findo ultrapassou os cento e sessenta e, pelo ritmo que as coisas levam, não será de admirar que seja igualado ou até excedido no ano em curso. Quase todos os problemas apresentados mereciam a nossa atenção se tivéssemos possibilidades de os atender. Infelizmente isso não sucedeu, por ser humanamente impossível educar e formar crianças aos magotes, já que o dar de comer e o vestir, se bem que importantes, se podem colocar num plano secundário.

Uma constatação que podemos evidenciar, tristemente deplorável, é que, para lá do progresso da técnica e da melhoria inegável das condições materiais, se processa um progressivo aviltamento da conduta moral das pessoas a todos os níveis sociais, com os consequentes abandonos, filhos sem pais e situações da maior tragédia. Se a cobertura assistencial do País está longe de atingir as posições desejáveis, jamais se atingirão escalões de razoabilidade se não houver um concomitante revigoramento moral e um combate frontal a todos os vícios e demissões, nos planos individual, familiar e colectivo. Que importa abrir estabelecimentos ou instituições se não procurarmos as fontes que os alimentam?!  
CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Não é dos mortos que falo — a esses paz à sua alma. Até me parece que pode reconhecer-se um certo espírito sacrificial, no deixar à vontade dos vivos o teor do tratamento a dar aos nossos restos, renunciando às últimas disposições a tal respeito. Entendo que a melhor homenagem dos vivos será respeitar a mente de quem morreu, mesmo que esta não tenha sido expressa em letra formal.

Nem escondo a impressão chocante que experimental há oito anos, num cemitério da Galiza onde fôra sepultado o nosso Domingos, levado pelo mar desde Azurara às praias de Vigo, perante o desmazelo daquele Campo tão pouco Santo em qualquer lugar da Terra, menos ainda em terra onde geralmente se professa ser Obra de Misericórdia enterrar os mortos.

Mas impressiona-me igualmente mal todas as formas de luxo que acompanham certas mortes, desde o ajuntamento artificial que obrigam, à indiscrição de páginas inteiras de jornal com a mesma notícia necrológica emitida por tantas quantas as empresas de que o finado era membro importante. Uma parada! Como adjectivá-lá?... Bastemo-nos com o substantivo!

A tomar por válida a palavra que Pai Américo nos deixou em letra formalíssima: «No seu periódico «O Gaiato» e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo

## NOTA DA QUINZENA

o tempo é pouco para revelar Cristo às almas — a julgar por isto, mais nos doi ver esta parada consumindo em vazio páginas de edições onde parece que não seria nada errado pensar e sentir e agir como Pai Américo escreveu: «Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas».

Para o cristão, a morte é uma realidade tão simples quão sagrada. Foi ela o preço da VIDA para nós que Cristo pagou com o Seu Sangue. Foi ela a suprema vitória de Cristo em nosso favor: «Ó morte onde está o teu agulhão, onde a tua vitória?» — de tal modo que a todo o homem de boa vontade é franqueada a VIDA, a assumir (é justo! — Pois será o discípulo mais que o Mestre?) pelo exercício da vida conforme às regras ensinadas e praticadas por Jesus.

Frente à morte, quem é o grande?! Haverá continuidade entre a grandeza no Tempo e na Eternidade? Eis uma resposta que a Igreja quase

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

### As nossas edições

## O livro «VIAGENS» em distribuição

Quando esta edição de «O Gaiato» chegar às mãos dos leitores, principiou a azáfama da distribuição do «Viagens».

Quem nos dera ter possibilidades de servir todos ao mesmo tempo! Ainda não pode ser desta vez — atendendo à complexidade do trabalho e à natureza específica da nossa vida comunitária.

Aí tendes um quadro vivo: o gato do «Gágá». Pela mão dele, o bicho assentou arraiais no escritório da tipografia. E com todas as comodidades: ninho fofo, em caixa de cartão; ao lado, a «sala de jantar» — lata com água, outra com mantimentos; não falta, ainda, uma outra para as necessidades! Tudo certo, na hora certa. O bicho corresponde inteiramente. Mia. Abana o rabito. Não faz tropelias. E ameaça o dono. Com uma ternura deliciosa!

Ontem, de acordo com o moço, resolvi encaminhá-lo para o armazém do papel — por mor dos ratos. Quisera-o esquecido dos mimos do «Gágá», para uma caçada eficaz. Debalde! Ao fim do dia, pedi-me a chave: «Vou tratar do

gato...». Não me senti vencido. Compreendi o motivo. E, discretamente, assisti às andanças do rapaz, ao seu cuidado e delicadeza. «Não me posso esquecer desta lata!...» — para a higiene do animal. E mais. Muito mais!

Hoje, apareceu outro colega do «Bolinhas», apelido do senhor gato do «Gágá». Uma grande festa! A malta delirou, ao começo do dia. E o rapaz sorria, correspondia d'alma cheia. Foi-se a ver, porém, é uma gata! Entretanto, pegaram-se à bulha. A fêmea tomou d'assalto a cama fofa do macho. Mas foi sol de pouca dura. «Gágá» entrou em acção. E serenou os ânimos da bicharada. Preparou novo departamento. E sorriu, sorriu d'alma cheia. Um quadro de vida, estuante de vida!

Enfim, se aparecer na mão d'algum leitor qualquer exemplar do «Viagens» com a capa de pernas pró ar, já sabem o motivo: são os gatos do «Gágá»!

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



e pediu evitar... a sua o agente de... si...  
mais fundada na Altíssima Pobreza do Evangelho, por isso arca. A  
lar nin- mesmo fui pedra reflectora da bondade de quem me Pergunte  
mesmo via passar. Lá como cá e em toda a parte, a própria ela disse  
vamos natureza de uma Obra semelhante tem em si força de se na verdade  
Brasil, bastar, comovendo almas, abrindo a inteligência e Caminhá  
duardo, provocando muita benevolência. Não preciso sair pé, ester  
ago dos terra natal em cata de funtos. Eles estão aonde a Obra com uma  
o por estiver. Coloquemos as coisas no seu lugar. O...!  
vai a verdade. Caiam as escamas dos olhos e... o dia a  
dia... ariam m...

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**DONATIVOS** — Esta nossa pequenina *procição* é uma riqueza material; mais do que isso — uma riqueza espiritual!

Olhem para Portalegre, assinante 17022:

## Literatura infantil

Toda a mensagem cristã se resume nisto: «Um Mandamento novo vos dou: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei».

As pessoas que se preocupam e vivem activamente os problemas dos outros sentem a obrigação de O anunciar, visto que só a concretização desse Mandamento conduzirá a Humanidade a melhores caminhos.

Anunciá-lo às crianças é muito importante. A Catequese, porém, raramente é eficaz, pois serve-se duma linguagem que não lhes consegue dizer o que pretende.

Margaret Kendall escolheu outro tipo de linguagem — mais acessível às crianças. Escreveu «Todos os Homens são nossos Irmãos», livro editado recentemente, mas sem o aparato vulgar das grandes editoriais.

É um conjunto de histórias simples que pretendem despertar as crianças para certos princípios e realidades que não devem ignorar.

Tendo em vista o público a que se destinam, as histórias, por vezes, têm como protagonistas os animais. Mas há outras que se podem passar com qualquer criança. É a temática de Francisco de Assis e de Pai Américo. É a vida que faz despertar para a Vida. Todas elas são, de facto, a ilustração de princípios evangélicos fundamentais — sobre os quais é urgente construir uma forma de convivência social mais cristã.

O mérito deste livro, apreciando sumariamente: ensina à criança, duma maneira que lhe é querida — e tão acessível — certos princípios que é imperioso que ela (e toda a gente) assimile para os concretizar depois na sua vida, no seu dia a dia. Aqui fica a sugestão. Um livro é um prazer, um amigo, um meio. Vamos ler, reler — e dar a ler — «Todos os Homens são nossos Irmãos».

Américo Manuel



«... Com os melhores votos de um bom Ano Novo para os nossos Pobres... junto envio 50\$00 para a Conferência.

Dentro das minhas possibilidades tenho-os sempre bem presentes no pensamento e no coração e confio na ajuda das vossas orações».

Disponibilidade cristã! Mais do que as nossas, acredite, valem as preces dos nossos Pobres. Ainda, há dias, acompanhámos um ao Campo Santo. Quantas vezes falámos em Oração! E as lições de Teologia que recebi! De Humildade não se fala!! Está nas mãos de Deus. No aconchego do Céu. É mais um advogado dos pecadores. É!

Mais 100\$00 de Algés. Metade de algures «para o mais pobre dos seus Pobres, com amizade e pedindo orações». A força da Oração!

Mais 120\$00 «para ajuda das consoadas». Muito bem! Este ano, alargámos um bocadinho os cordões à bolsa — confiados no Senhor. Ele nunca falta. Nós sim...

Mais uma presença de Óis da Ribeira, de amiga de sempre:

«... Outro desejo me leva a escrever-lhe também esta carta, embora tardia; era pelo Natal que tencionava fazê-lo, mas foi impossível. Hoje, faço o envio dum vale postal registado no valor de 200\$00, com as seguintes intenções...».

Coube 50\$00 aos nossos Pobres. E na hora própria.

Mais 100\$00 da assinante 1828, de Lisboa. Um amoroso donativo entregue no Montepio Geral, também de Lisboa. E, finalmente, a simpática visita dum linotipista dum matutino tripeiro, que nos entregou 300\$00. «Não ponha nada no Jornal!» — advertiu. Aqui vai incógnito, feliz — com a humildade que sempre o caracterizou. Mais um forte abraço.

Os donativos devem ser remetidos para Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Em nome dos nossos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

### Paço de Sousa

**OBRAS** — Pararam as obras da piscina! E a Comunidade perdeu um pouco a esperança de tomar banho em águas límpidas, no próximo verão...

A paragem deve-se à resolução dum problema muito velho — a nossa cozinha. Ela vai ocupar, inclusivé, a área do pátio da mesa de pedra — verdadeira relíquia — que ficará no largo fronteiro. Será uma cozinha muitíssimo funcional!

Voltemos à piscina: Que pena a nossa Comunidade não adoptar o sistema doutras — quando desejam algo de novo, indispensável, aproveitam em cheio as horas de folga, para dar conta do serviço o mais rapidamente possível e com outra economia.

E se nós, a malta maior, ganhássemos coragem e metessemos, também, mãos à obra? Teríamos a piscina

pronta num abrir e fechar d'olhos. Eu estou às ordens. E não faltará mais quem...

**LIVRO «VIAGENS»** — Está em circulação. Não somos só nós ocupados na obra — os carteiros, também...

Se o leitor quiser conhecer o seu rico conteúdo, faça o favor de pedir um exemplar à nossa Editorial. Lembre-se de que não se arrependerá. A obra está cheia de muita coisa que deve ser conhecida — e não perdeu actualidade. Pai Américo, quando escrevia, não o fazia em vão.

«Quim do Porto», «Campanera» & C.ª continuam a dar despacho no *alceamento, colagem, etc.*

**LAVOURA** — Tempo de poda e sulfatagem.

As nossas ramadas estão podadas. Assim como os pomares. O Serafim e os homens do campo sulfataram os pomares, para que possam dar bas-

tante fruta na próxima época. E a aguardente especial foi engarrafada, também. Digo especial porque nestas bandas não há especialidade idêntica. E vivam os nossos técnicos agrícolas!

**NOVOS GAIATOS** — Mesmo com a lotação da nossa Casa considerada esgotada, deu entrada mais gente nova! A malta que chegou veio ocupar lugares vagos dalguns fugitivos (casos que acontecem, porque somos, de facto, a Porta Aberta) e dos que foram incorporados na vida militar, como o «Franciscal», «Stiles», Arménio Safaneta e «Carioca». Os dois últimos trabalhavam na cidade do Porto. Felicidades para estes magalas!

**FESTAS** — Os ensaios continuam, mas devagar; com a certeza necessária de quem vai fazer um trabalho de muita responsabilidade.

Por causa da crónica, o Júlio é um «chato». Não me larga sempre que precisa de «material»! Hoje conseguiu apanhar-me. E escrevi um bocadinho de manhã — porque tive ensaio às 11 horas. Às duas horas da tarde, porém, já perguntava pelo «original»! Disse-lhe que tivesse um um bocado mais de calma. Eu bem sei que a oficina está sobrecarregada serviço e é necessário adiantar esta edição — porque a seguinte é de aniversário. Mas de manhã não pude acabar a reportagem. Tive ensaio.

Como vêem, para que os «artistas» estejam em forma é necessário ensaiar a toda a hora e a todo o momento. Um verdadeiro calvário para a nossa vida! Assim todos entendam e reconheçam o nosso sacrifício...

Luis Nunes Marques

Continua na QUARTA página

### AS NOSSAS EDIÇÕES

## O livro «VIAGENS» em distribuição

Cont. da PRIMEIRA página

Mais: os assinantes das últimas letras do alfabeto não desesperem. Aguardem, calmamente, a sua vez. A não ser... que a oficina se transforme num jardim zoológico...

### ● POSTAL DE RESPOSTA SEM FRANQUIA

Ao longo dos tempos, têm surgido **queixas** de assinantes do «Famoso» por não lhes enviarmos os livros que vão sendo editados. Algumas na interrogativa: «**Porque não me mandam os vossos livros, sendo eu assinante do Jornal?**» Com ponto de admiração e tudo. Saibam que não ousaríamos despachar seja que livro for, para quem quer que seja, sem ao menos nos ter solicitado um. Ou não seria indelicadeza, uma grande desordem?... Aqui está.

De maneira que, para motivar seriamente os leitores de «O Gaiato» — assinantes ou não da Editorial — acerca das obras de Pai Américo, e para satisfazer em toda a linha os supraditos **queixosos**, resolvemos, agora, executar um postal RSF (resposta sem franquia), com literatura afim, em expedição para todos os nossos amigos, num sobrescrito adequado. Nem toda a gente responderá. Seria uma ilusão. Mas, além de ofe-

recermos uma oportunidade aos felizes **magoados**, iremos sobretudo ao encontro de muitos que ficarão, assim, com uma ideia precisa — ainda que sumária — das obras de Pai Américo.

Com o postal RSF, tão prático!, os nossos leitores terão oportunidade de solicitar os volumes que desejarem. Poderão, inclusivé, expressar o voto de se inscreverem na família da Editorial (não publicamos mais do que um livro por ano...). Além do nome e endereço, bastarão assinalar no dito postal, com uma cruz (+), as respostas formuladas no questionário. E lançá-lo, depois, **sem franquia**, em qualquer marco do correio. Tão simples!

Os senhores — e as senhoras, evidentemente — façam o favor de dispensar cinco minutos ao conteúdo do sobrescrito. E dêem notícias. Muitas notícias. Quem dera que o volume de interessados fosse uma verdadeira legião; quem dera! Não demorem a responder! Não esperem pelo ano 2000...

### ● EXCERTO DO «VIAGENS»

Ouçamos Pai Américo. Ninguém, melhor do que ele, é capaz de sentir este «Viagens». Ninguém! Começamos pelo Brasil (1949):

«Aceitei o convite e vou ao Brasil, porque quero dar. Quero revelar...»

Desejo mostrar aos crentes e descrentes do Brasil, quanto Deus tem realizado em terras de Portugal, pelas mãos pedadoras de um sacerdote... Quero revelar. Tenho fome e sede de dizer. Quero pregar Cristo ressuscitado, Cristo vivo, a viver numa Obra de crianças abandonadas.

Dinheiro, se alguma vez falar nele à Colónia do Brasil, é para dizer da sua falência. Da falência e do engano das chamadas grandes fortunas. Elas são contra o Evangelho.

Ontem mesmo li nos jornais do dia, que um barco português vai buscar mil crianças de mando da «Caritas», para lhes dar pão aqui em nossa casa.

Por outro lado, eu sei de milhares e milhares delas que cá vivem, que são totalmente nossas — e morrem à míngua de pão! Sou testemunha. Falo com elas. Tenho-lhes colocado, na sua boca inocente, o bocado de pão que as vai salvar da fome lenta e da morte certa!

Ora que é isto, senão o resultado das chamadas grandes fortunas pessoais, dos dinheiros pessoais congelados?!

O Evangelho manda distribuir e não manda amontoar. Aqui está o que me leva a passar uns dias, e quisera que fossem breves, entre os meus irmãos do Brasil.»

# TRIBUNA de Coimbra

Há dias, um cristão falando a um grupo de irmãos dizia-lhes que havia de ser sempre Natal para os Pobres. Nesta quadra sentimos o Senhor mais presente em todos os homens.

Também nós dizemos o mesmo. Havia de ser sempre Natal, para que nos lembrássemos mais uns dos outros embora, para muitos, esta lembrança seja só um mero sentimento manifestado exteriormente.

Ainda que não tenham vindo no dia da romaria os nossosromeiros não faltaram.

Pais a recordar os filhos que partiram para a Eternidade: umaviador, um médico, um estudante. Filhos a pedir a nossa oração pelos Pais que Deus levou. Esposas, na saudade, lembram esposos que já se apresentaram ao Senhor. Nós somos um lugar de encontro.

Quinhentos a um vendedor, de amigo que já há muito me não via. As presenças sempre tão simpáticas «das amiguinhas Maria Isabel e Maria Helena»; todos os que vão à Casa do Castelo deixar embrulhos, cartas, recados; vinte à mão sempre que me encontra; os cem mais vinte mensais entregues a vendedor; as mãos que se escondem nas minhas em reuniões de cristãos; as presenças mensais do Luso,

da Covilhã, de Almalaguês; as cartas do Entroncamento.

Quinhentos de boa Amiga; cem, mais cem num casamento; cincoenta, mais cem, mais quinhentos, mais cem, mais bolos, mais rebuçados, mais garrafas de vinho de rapazes nossos. Eles são sempre presença mais consoladora. Vinte de uma Avó; todos aqueles que pedem as nossas intenções na Missa e que procuramos atender.

As mãos que se encontram com as minhas dentro ou à porta de Santa Cruz. Eu desço e subo muitas vezes aquelas escadas. Quinhentos num baptizado; três mil de Lisboa de «ex-universitária de Coimbra», para completar o vencimento de um mês; migalhas repartidas de alguns 13.os meses; vales de cem da Tocha; quinhentos e a visita de um casal nos «50 anos matrimoniais de Felicidades, com as Bênçãos de Deus». Como não se hão-de sentir felizes num amor assim abençoado e vivido! Dois mil de Leiria de alguém que divide da sua Pobreza. Leiria aparece muitas vezes. Mil e novecentos num almoço de formatura; 150\$ de três netinhos com os avós; Coimbra presente em cartas, em vales, em cheques e nos vendedores.

A visita do Colégio de Santa

Maria de Coimbra; vinte de Lisboa; mil de sacerdote; 250\$ doutro, duzentos de mais um; Tomar tem cá aparecido em cartas, em vales, em cheque, pela Maria Celeste, por dois casais com os filhos; Figueira da Foz também é nossa; Castelo Branco marca presenças; em Pombal temos muitos amigos. Mais Lisboa, Avelar, Cast. de Pera, Setúbal, Nazaré, São Paulo do Brasil, Viana do Alentejo, Tavira, Carcavelos, Mira.

As visitas e as ofertas dos que vão ao nosso Lar de Coimbra e agora já há amigos que aprenderam o caminho; 1.500\$ do Grémio da Panificação de Coimbra; os mimos das Fábricas Triunfo; as lembranças da Auto-Industrial, Fábrica de Curtumes, fabricante de bonés, C. Lousada, Salão Azul, S. N. de Sabões, G. I. do Arroz, Casa Bonjardim, Banco Borges & Irmão.

As visitas familiares de dois grandes e velhos amigos que há muitos anos nunca faltam e vêm cheios de mimos. O cheque e B. F. do casal francês que aparece todos os anos; muitos bolos amorosamente feitos e oferecidos por Senhora espanhola, agora nossa vizinha; um envelope lacrado com dez notas de conto e este cartão: «Para vós, queridos gaiatos, umas «areitias de amor» para o que mais urgente necessitardes. Não me esqueci ainda, Padre Horácio, que uma vez me emprestou \$10!

Peçam a Deus por mim! E pela alma dos meus!»

Que delicadeza e que juro bem pago!

Pedimos a Deus por todos.

Padre Horácio

## Lar Operário de Lamego

Há muito que não damos notícias do Lar. Têm vindo cartas a perguntar o motivo e outros lamentam que isto aconteça. Ficamos contentes com estas reacções, pois são indicativo de que estão perto de nós e querem viver e sentir os nossos problemas.

Neste intervalo de tempo, recebemos a cooperação de muitos e repartimos com os outros do que veio parar às nossas mãos.

Nem só os rapazes do Lar de S. Domingos são objecto dos nossos cuidados. Há muitos casos que procuram aqui solução. A confiança que depositam em nós e a esperança que lhes vemos na alma, são forças que nos obrigam a ter a porta aberta. Ora nos falam doentes que necessitam de medicamentos de alto preço; ora nos expõem a aflicção duma pessoa idosa que não tem quem olhe por ela. Na última semana foram três velhinhas, ou doentes incuráveis, que precisavam de ser recebidas em ambiente familiar e cheio de carinho. Depois de telefonarmos para o Centro de Assistência de Fontelo de S. Domingos, foi possível dizer que sim a todas. A condição que nos puseram foi de levar cama e respectiva roupa. Uma delas nada possuía, mas assumimos aquele compromisso já a contar com a tua ajuda.

Também não podemos voltar as costas à rapariga que tinha o quinto ano e que agora se viu obrigada a interromper os estudos por falta de meios. Graças às respostas vindas da rua das Amoreiras, de Porto Salvo e de Vilar Formoso já se matriculou na Escola do Ma-

gistério. Alegra-te comigo, querido leitor, por muitos começaram a compreender que no auxílio aos nossos irmãos temos de ir para além do pão que mata a fome, ou do vestido que é necessário. Serão precisas centenas de escudos, mas esperamos por aqueles que ainda não responderam e contamos que voltem novamente alguns que disseram imediatamente que sim. É este o proceder daquele senhor que ainda manda mensalmente o donativo para a viúva, embora a casa esteja concluída e paga. Aqui deixamos aviso que, nestas circunstâncias, os donativos que nos enviam, vão ajudar a resolver outras dificuldades, como a que neste momento trazemos entre mãos. Dois paralíticos tiveram de ir a Montemor, ao Hospital dos Irmãos de S. João de Deus, afim de receberem aparelhos ortopédicos. Cada viagem custa à volta de 1.500\$00 e já lá foram duas vezes. Os referidos aparelhos custam: 3.000\$00 e outro 7.500\$00. Não se olhou a despesas, depois de sabermos que aqueles rapazes amanhã seriam homens válidos, podendo bastar-se a si próprios se fizessem tratamento adequado.

A única coisa que agora pedimos é que ninguém tenha coragem para nos chamar ouzados, ou nos pergunte donde virá o dinheiro. Os Irmãos de S. João de Deus não limitaram o prazo de pagamento e aguardam, enquanto nós tivermos de aguardar também que tu leias, medites e dêes uma resposta.

Padre Duarte

**1** Foi um cireneu nosso velho e grande amigo que um destes dias lá me levou. Fui lá por duas vezes. Uma de manhã, outra à tarde. Não conhecia o ambiente. Não por omissão ou comodismo, mas por desconhecimento mesmo. Ouvira vagamente falar nele, pela presença duns tantos rapazes, hoje Galatos, que são oriundos de lá. Estou convicto de que muitos em Setúbal ainda o não conhecem. Outros, tendo conhecimento da sua existência, taparam os olhos, amordaçaram os sentidos e o coração e passaram em frente... Mas há cireneus que, pregando os olhos nestes espectáculos degradantes, vão abrindo o coração na mesma proporção dos rebates de consciência. Ainda bem. Demos graças a Deus para que Ele os encha de força para continuarem nestas tarefas humanitárias, que são duras e nenhum lucro material deixam!...

**2** Naquele local, semeado de miséria, há qualquer coisa que choca a natureza humana! Uma nota discordante com o martelar dos sentidos! Um sentir-se alguma coisa que causa impressão e arrepio... As razões destas sensações de náusea, de enjoamento, de «pancadas secas e frias nas consciências», andarão, sem dúvida, entre outras, ligadas ali a dois contrastes gritantes:

I — Alguém, talvez com a intenção de gracejar, pôs ao

# Setúbal

lugar o pomposo nome de «Nova Sintra». Terá aparecido ele para acentuar mais o contraste arrepiante entre este pouso de gente famélica e aquele outro verdadeiramente paradisíaco nos arrebalde de Lisboa! Entre a Sintra do Palácio da Pena, servida por uma vegetação luxuriante, onde tudo é garrido, onde os ares que se respiram são puros... e esta «Nova Sintra» onde tudo é feio, desolador e os ares que se respiram são fétidos!... Se foi por ironia, com a intenção de apontar, corrigindo, então afino pelo mesmo diapasão. Se por chalaça... é rir da desgraça alheia!

II — Neste paradoxo tudo é mais profundo e, ao mesmo tempo, bem mais concreto. E que ali se erguem, lado a lado, e que paredes meias, duas situações de vida completamente antagónicas, entre as quais existe um muro — um mero complexo de pedras banais! — a servir de marco divisório. Da parte de dentro, encravada por mais três muros que com aqueles formam um extenso rectângulo, fica a grande indústria, a «fábrica grande e poderosa» de

montagem de automóveis. O retrocesso mesmo à beirinha do progresso! Aquém-muro, o chão onde nada falta, onde tantas vezes o que é válido val para o lixo, onde o dinheiro entra e sai a rodos! Além-muro, a «terra» onde fica a miséria e a degradação, onde as criancinhas nuas, os homens e mulheres desgrenhados, se arrastam todos os dias. A «terra» em cujo seio se albergam os montes de lixo, os amontoados de lata, tábuas e plásticos... — o mais tosco e primitivo perfil duma casa!... — a falta de asseio, a desorganização, a carência económica, o desmoronar social. Onde a miséria moral e a material são realidades.

Fica-nos, pois, a náusea e um grito de que alguma coisa não está bem, ao assestarmos os olhos na paisagem. Paisagem que nos habituámos a ver em evolução e desenvolvimento. Assim, neste complexo bem estruturado, vamos vendo a cada passo «borrões» que o envergonham! Aonde a evolução, aí a regressão! Aonde o progresso, aí o retrocesso e a luta pela sobrevivência!...

**3** Os locatários de «Nova Sintra», talvez envergonhados da sua condição infra-humana, fizeram pouso num chão o mais escondido possível dos olhos da cidade. A maior parte deles são desalojados das barracas onde viviam. Para ali convergiram os ex-presidiários, os ladrões, os famintos, os mendigos, os vagabundos e os ociosos. Tantos homens fortes que renunciaram a trabalhar! Preferem ver correr os dias, estendidos ao sol. A dignidade humana é coisa quase banida. As crianças são forçadas a uma auto-suficiência porque de pequeninas começam a lutar para sobreviver. As mães, salvo raras excepções, embrenham-se pelas vias tortuosas da prostituição. Os pais acham-se voltados para o álcool, para os vícios e para a libertinagem. Entre o homem e a mulher há um rudimentar acasalamento que dura uns tempos, normalmente breves, e depois é rompido com a «fuga» daquele com outra ou daquela com outro. Os filhos perdem, assim, a noção da paternidade e maternidade. E nasce o desrespeito, a anarquia, a total ausência de educação e da mais elementar instrução. E a miséria sobrepõe-se à miséria, formando uma miséria ainda maior!...

## FESTAS

Júlio, firme em suas intuições jornalísticas, diz que não é conveniente deixar de manter uma noticiinha sobre elas até que elas sejam.

Terá razão...!

Eu é que não sei o que hei-de escrever! Mas, se a função se cumpre só com um fim de coluna que conserve aceso o facho — pois o que aí vai já chegará.

E eu penso, até, que quanto menos melhor: quanto menos espaço gasto com «chover em cima do molhado» — que é chamar à nossa Festa aqueles cujo desejo profundamente amigo nos obriga a fazê-la.





Cont. da TERCEIRA página

4 O caminho de terra solta, salpicado de pequenas elevações, a custo permitiu que a nossa furgoneta lá entrasse. A presença de pobres no meio dos Pobres! Foram duas carradas de material. Com ele, os caminhos daquela gente começam a ser mais humanos! Eles próprios serão os primeiros a ir de encontro àquele obstáculo que tão bem me simbolizou aquele muro branco um tanto enegrecido pelas intempéries. Ele deu-me, naquele momento, a mais exacta dimensão do ilógico separatismo que existe entre o homem que tem ou julga ter tudo e aquele que nada tem. A diferença é consequência dessa «barreira» estar de pé e bem cimentada! A «barreira» dos nossos egoísmos, das nossas conveniências, do nosso próprio bem-estar, do nosso desinteresse pelos problemas dos outros. Destruída que seja, tudo se mistura e há entrosamento! Neste destruir para construir estará necessariamente implícita a compreensão, o entendimento e, sobretudo, o amor, não feito de motes abstractos mas conjugado com o verbo amar.

Olhai!: — Que aconteceria se aquela parede que separa «Nova Sintra» da fábrica fosse demolida e tanto entre os de dentro como entre os de fora houvesse um clima de entendimento e de amor?... Haveria, certamente, uma fusão entre dois grupos de seres, iguais em tudo, excepto na condição em que cada um vive. A miséria passaria então a ser menos miséria. A riqueza, menos riqueza. Uma e outra integrar-se-iam e no todo formado não haveria distinção. Nasceria a igualdade, a força da razão e a justiça entre todos. Enquanto assim não for, nada feito. Que se entenda!: — Não é o muro que serve de parapeto às moradas dos infelizes de «Nova Sintra», mas aquele que formámos em nós e que com renitência teimamos em não demolir. Destruí-lo, é ordem imediata. E nada disto é utópico!... É a vida que nos ensina que é destruindo o mau que se aprende a construir o bom!

Enquanto não houver um abraço comum, um movimento uniforme de conjugação de esforços, tanto das autoridades como de particulares, todos de coração aberto, continuarão a existir por aí fora muitas «Novas Sintras» e muitos portentos económicos. Situados lado a lado!... Quantos praticam o inverso do que aqui vai apontado?! Quantos distinguem na presença dum irmão miserável a presença do Mestre, do Senhor das coisas visíveis e invisíveis?... O tempo urge e o que hoje se pode remediar, talvez amanhã já não seja possível.

Rogério

Dois sorrisos, dois propósitos — num Sim consciente ao «Grande Sacramento».

Feliz imagem do casamento da Olinda e do Laurindo — irmão mais velho das oficinas gráficas da Casa do Gaiato de Setúbal.

Esperámos notícia, mais ou menos circunstanciada, do acontecimento, que fez vibrar intensamente a Comunidade setubalense — pela mão dos seus doutos crónistas... É pena!

Para o jovem casal — integrado no activo da Família da Obra da Rua — um forte abraço da Comunidade de Paço de Sousa, onde Laurindo despertou para a vida.



# DOCTRINA

Em relação ao Povo da Antiga Aliança, o Cristão tem o dever de estrita correspondência de se alçapremar a uma condição adulta.

O pobre do Judeu, para ser considerado religiosamente «gens grada», tinha de respeitar a letra, portanto de conhecer uns centos largos de preceitos.

Cristo veio, «não para abrogar a Lei, mas para A completar» — e pôs-Lhe o fecho, reduzindo-A a um só mandamento: «Amarás». E, com Sua Palavra e Sua vida e morte e ressurreição, ensinounos a amar: «Como Ele-próprio nos amou».

Amor horizontal — impossível sem o apoio vertical do

amor a Deus. Amor vertical — que nada levaria a Deus sem a seiva bebida no sacrifício do amor horizontal. Nestas duas coordenadas lógicas se projecta a unidade vivencial do amor autêntico.

Para o judeu a perfeição estava no somatório dos preceitos cumpridos. Para o cristão, na análise incessantemente procurada do «comprimento, da largura, da altura e profundidade» do amor de Cristo; no paralelo do seu comportamento frente às situações concretas da vida, com Cristo, com o que a reflexão (isento o coração de «parti pris») nos indica que Ele faria nas ditas situações. O contraste que autentifica é o Amor.

A salvação não é uma receita para todos. É uma escolha luminosa, uma aceitação livremente feita por cada um e correspondida até às últimas consequências. Importa o risco da liberdade, sem a qual nada! Mas onde o Amor for a causa motriz e a Humildade a vereda seguida, o perigo não é de temer!

Jesus não veio abrogar, mas foi o primeiro contestador da

Lei. Assim Se revelou sempre que os zeladores dEla, rastejando no accidental, impediam e condenavam quem voasse com as asas que lhe dava o espírito da Lei, a Sua essência. É vê-lo e ouvi-lo face aos fariseus: nas discussões sobre o sábado; a escandalizá-los, realizando milagres no dia santificado; chamando-lhes hipócritas, sepulcros caiados, pela sua deliberação escravidão à letra, pelo seu cego exclusivismo em relação aos estrangeiros, pela dureza da sua intransigência perante os pecadores; valorizando o que está no coração do homem sobre o que, fora dele, possa julgar-se impuro; louvando em função das boas obras (não da origem ou da casta), como na parábola do bom samaritano.

Depois, S. Paulo é o grande campeão da Liberdade, coarcada pela Lei — pela Lei que «não justificou nem a judeus, nem a gentios»; que não justifica «sem a Fé em Cristo»; pela Lei que «era transitória» e de que «Cristo é o termo».

Mais tarde seria S. Agostinho a sintetizar no seu célebre «ama e faz o que quiseres».

Não pense, pois, o cristão ser menino toda a vida entre as balizas de uma regulamentação apertada que lhe segreda em cada momento o que deve fazer. A sua carreira far-se-á, fixando na meta a sua inteligência e a sua vontade; incarnando e vivificando com o seu sangue os actos destas duas faculdades espirituais; e depois «combatendo o bom combate», «amando até ao fim», como mandou, fazendo Ele, o Senhor Jesus.

Quem dera que na cidade dos homens pudesse ser assim: aperfeiçoar, simplificando; libertando-os de tantos regulamentos, de tantas leis sem alma, que «os apertam e quase os afogam».

Bendito seja Pai Américo pela sua raiva santa ao papel, à letra que mata. Bendito seja pela linearidade evangélica da sua alma!

# Nota da Quinzena

Cont. da PRIMEIRA página

sempre leva séculos a definir acerca dos Seus Santos e que o conhecimento da Misericórdia de Deus nos permite suspeitar a respeito de muitos que já partiram, mas da qual ninguém pode emitir uma certeza.

Não será, pois, a morte aquele supremo momento da vida em que a condição social dos homens mais se nivela? Porque não ser humilde, discreto diante dela — «religioso» no tratamento dos que morrem?!

As vezes há notícias necrológicas que varam o coração dos homens; funerais que são uma apoteose popular. Fiz-me aqui eco de um acontecimento assim quando foi da Rainha Senhora D. Amélia. Nem precisava mais que recordar o que foi com Pai Américo!

Mas isso são outras grandezas que o Povo espontaneamente canoniza — das quais a Igreja, sem definir, se arrisca a aceitar como o mais provável, com fundamento na vida gasta por amor de VIDA.

# Aqui LISBOA

Continuação da PRIMEIRA pág.

Vale a pena também aqui assinalar uma faceta particular que o contacto com as realidades faz sobressair. Queremos referir-nos ao feroz egoísmo de muitos que, embora não fazendo ondas ou comentando objectivamente qualquer mal, se esquecem que importa assumir as responsabilidades sociais e fazer frente ao mal do Mundo. Não é com palavras mansas ou melifluas, com sentenças mais ou menos estereotipadas ou com esmolas, tantas vezes aviltantes ou de auto-publicidade, que se resolvem as questões. É preciso que cada um dê algo da sua vida para a salvação dos outros, pois, como Pai Américo, se servir é já grande coisa, maior, porém, é dar-se. E ninguém está dispensado de o fazer.

Padre Luiz

# PELAS CASAS DO GAIATO

Continuação da SEGUNDA página

# TOJAL

OBRAS — As oficinas novas ainda têm uns últimos retoques a dar, pelo menos no que diz respeito a pintura. Entretanto a maior parte do pessoal está empenhado no acabamento do telhado das novas camaratas. Trabalho que com a maior rapidez possível se procura terminar porque a estação em que estamos ameaça tempestades.

FUTEBOL — Como o tempo não tem estado bom, não houve ainda quem quisesse marcar um possível desafio.

Segundo o que me comunicou o chefe das equipas, não há uma bola de jeito. Ora eu não queria deixar de atender ao pedido que este fez, e faço-o aqui aos amigos leitores. Uma bola de futebol, em couro. Desde já o nosso obrigado.

SAPATOS — Depois de feito duas ou três vezes o mesmo pedido, o problema dos sapatos parece estar resolvido por agora. Quero portanto agradecer aos amigos leitores toda a boa vontade e o amor manifestados. Podem, sempre que possível, mandar mais alguns.

Jorge

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

